

Estudo de Textos Medievais

CAROLINA ANTUNES DOS SANTOS

MARLENE MACHADO VIANNA ZICA

INTRODUÇÃO

O trabalho que ora apresentamos é um estudo de três textos — o **Rei Bamba**, **D. Afonso Henriques** e o **Bispo Negro** — cuja elaboração teve como objetivo a avaliação final da disciplina História da Língua Portuguesa: Português Arcaico, ministrada pela profa. dra. Angela Vaz Leão, no curso de Pós-graduação em Letras da UFMG.

No estudo dos textos acima citados, tecemos considerações acerca dos caracteres semânticos, morfológicos e sintáticos do Português Arcaico. Consta o trabalho de cinco partes:

- I Comentários acerca de obras da Historiografia Peninsular
- II Resumo dos textos
- III Aspectos referentes ao vocabulário
- IV Aspectos referentes à morfologia
- V Aspectos referentes à sintaxe

Para efeito de publicação, dividimos este estudo em três partes que são apresentadas subseqüentemente neste Boletim do Centro de Estudos Portugueses.

I — COMENTARIOS ACERCA DE HISTORIOGRAFIA PENINSULAR

Os textos intitulados **Conde Henrique** (Últimos Conselhos a seu Filho) e **D. Afonso Henriques** (Desavenças com sua Mãe) foram tirados do **IV Livro das Linhagens** que pertence a um corpo de quatro

nobiliários, sendo os dois primeiros mais antigos completamente independentes um do outro, e os dois mais recentes (3º e 4º) organizados por iniciativa do Conde de Barcelos, D. Pedro, filho do rei D. Dinis. O primeiro contém narrativas curiosas, como a lenda de Gaia; o segundo é um registro genealógico; os últimos têm maiores pretensões literárias. Tais nobiliários foram escritos para saberem os fidalgos de Portugal de qual linhagem vêm e de quais coutos, honras, mosteiros e igrejas são naturais», e assim se habilitarem a recolher os benefícios daí provindos: dotes de casamento, prendas de cavalaria; e ainda evitarem o casamento entre pessoas aparentadas em grau proibido pela igreja.

O Livro IV se inicia por uma história genealógica universal; de Adão e Eva passa à história dos Hebreus, à dos reis e imperadores de Roma, à dos reis da Grã-Bretanha e, finalmente, ao registro das principais famílias nobres portuguesas. Ao lado de uma intenção histórica, apresenta a obra matéria ficcional, onde avultam a lenda de Gaia (refundida), a do rei Ramiro, os contos do Rei Lear, da Dama Pé-de-Cabra e da Dama Marinha.

Na corte de Afonso X, brilhante foco de cultura da Península, empreende-se a composição de uma **Crônica Geral de Espanha**, precedida de uma História Universal e realizada por escribas ao serviço do rei, sob sua imediata superintendência. Esta obra, em cujo conjunto se insere a história do Rei-Bamba ou Vamba e sua Eleição Prodígiosa, é uma «ampla história peninsular onde se integra o material recolhido em autores latinos clássicos ou medievais que tinham falado da Espanha, em historiadores e geógrafos árabes, e em numerosos cantares de gesta, narrativas históricas nacionais divulgadas pela literatura oral». (Lopes, Saraiva: 71)

Inspirada na **Crónica General da España**, de Afonso X, o Sábio, foi redigida a **Crônica Geral da Espanha** em língua portuguesa, da qual se conserva a tradução castelhana. A Crônica em língua portuguesa, datada em 1344, vai se contentar em traduzir e adaptar a obra espanhola, mas prolongou-a até o reinado de D. Afonso IV, valendo-se de textos diferentes dos da **Crônica Geral**. Encontram os estudiosos afinidades entre a Crônica de 1344 e o **Livro de Linhagens** pelo fato de ambos se utilizarem de fontes idênticas, sendo de se notar que também da primeira obra foi D. Dinis o mecenas que a fez compilar.

Crônicas Breves de Santa Cruz, série de «fragmentos históricos procedentes do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra», apresentam, de forma mais desenvolvida e certamente mais próxima da versão original do que aquela incluída na Crônica de 1344, a lenda afonsina cujo herói central é Afonso Henriques. Tal lenda fala, dentre outros acontecimentos, das lutas de Afonso Henriques contra a mãe e o padrasto pela posse da herança do Conde D. Henrique e das lutas de Afonso Henriques contra o Papa, na defesa do poder real.

Embora se tivesse valido da mesma tradição épica oral que a crônica castelhana, a versão portuguesa está mais próxima do estilo jogralesco e se assemelha aos cantares de gesta castelhanos e leoneses. A sua unidade de conjunto sugere que tenha sido derivada de um único poema.

Marcam os textos «frases de arrastão», um processo de estruturação de frases comum na linguagem falada (onde são sentidas diversas falhas nos enlaces lingüísticos). Trata-se de uma enfiada de orações bastante curtas em que predomina a parataxe.

«E, filho, toma do meu coração algũa cousa, que seias esforçado e sejas companheyro aos filhos d'algo, e da-lhe sas soldadas todas. E aos comçelhos faze-lhes homrra em guisa como ajam todos dereyto, assy os gramdes como pequenos. E faze sempre justiça e aguarda em ella piadade aguisada, ca sse huu dia leixares de fazer justiça hũu palmo, loguo outro dia se arredará de ti hũa braça e do teu coração. E porem, meu filho, tem sempre justiça em teu coração e auerás Deus e as gentes e nõ comsemtas em nêhũa guisa que teus homẽes seiam soberbosos nem atrevidos em mal, nem façam pesar a nêhũu, nem digam torto, ca tu perderias porem o teu boo preço, se o nom vedasses. E chama agora os d'Astorga e mandar-t'ey fazer a menagem da villa. E logo te torna e nom vaas começo mais que afora da vila e nõ na perderás, ca d'aquí comquererás o al adiante. E mando a meus vassallos que me vão soterrar a Santa Maria de Bragaa que eu pobre!».

Idêntica estruturação de frase é comum no estilo narrativo: temos uma série de sentenças que se ligam pela coordenativa, que, não se limitando a aproximá-las, marca uma coesão mais íntima, uma relação mais complexa como as de oposição e consequência:

«E os portugueeses teueron todos com Affomssso Amrriquez e souberom como sse guisaua o emperador pera vijr comquerer Portugal e tirar sa tia da prisom. E forom todos bem guisados a hũu logar que chamam Vall de Uez e atemderom ally o emperador que vijnha com gram poder, que trouue d'Aragõ e de Castella e de Leom e de Galiza a ouuerom a fazemda em Vall de Uez. E vemceo dõ Affomssso Amrriquez, e o emperador foy ferido na perna deestra de duas lamçadas. E sobio-sse o emperador em hũu caualo branco e foy-sse a Tolledo, por que ouue medo de perder a çidade. E premderõ ao emperador sete comdes e outros caualleiros mujtos e matarõ-lhe mujta gente. E dom Affomso Amrriquez foy-sse logo d'ally e gaanhou todo Portugall per sas armas e leou comsigo sa madre presa».

Aparecem igualmente nos textos períodos excessivamente longos, travados de subordinações e partículas. Há problemas de ordem sintática: anacolúta e outros traços de oralidade no discurso escrito; número grande de orações intercaladas, que tornam o período confuso, de difícil compreensão.

«E o boo e deuoto papa, quando vio sua embaxada tã humyldosa e de tanta deuaçon e como encõmendauã tam grande feyto em suas orações, pesou-lhe por non(se) sentir suficiente, pero fez suas vigílias e orações a Deus que por sua merceee e honrra da sua sancta fé, quisesse demostrar qual lhe prazia seer rrey em Spanha. E ao papa foy rreuellado da parte de Deus que hũu homem, que uyuya nas partes mais baixas d'Espanha contra o mar, que auya nome Bamba, que aquel seria rrey d'Espanha. E mandou logo o papa aos embaxado(res) que sse tornassem pera que sua terra e que este homen tomassen por seu rrey, ca a Deus plazia de o el seer, e que este homen era laurador e, posto que assy fosse, que era do derecho linhagen dos rreys dos godos, e, quando o achassem, que o achariã laurar com hũu boy branco e outro uermelho».

II — BREVE RESUMO DOS TEXTOS

TEXTO 1

Rei Bamba ou Vamba

Trata o texto da prodigiosa ascensão do humilde lavrador Bamba ao trono da Espanha.

A morte do rei Recesundo, que não tinha herdeiros, deixou os grandes da Espanha num impasse, que só foi solucionado por intermédio do papa. O Santo Padre, depois de muitas vigílias e orações, mandou que os embaixadores espanhóis retornassem à sua terra, onde encontrariam o seu futuro rei.

Em Idanha, a velha, Bamba lhes foi revelado, quando lavrava a terra com um boi vermelho e outro branco, conforme rezava a indicação papal. Estupefato com as palavras e homenagens a ele dirigidas, Bamba disse que seria rei dos godos, quando a vara que tangia os bois tivesse flores e fruto. O milagre aconteceu: Bamba ajoelhou-se em terra e deu graças a Deus.

Na Sé de Toledo o pequeno lavrador foi consagrado e ungido pelo arcebispo com o consentimento de todos os altos homens da Espanha, que o homenagearam e lhe juraram obediência.

«Alçado rei», Bamba jurou que manteria a fé católica e faria com que as leis, direitos e costumes fossem cumpridos por todos.

Bamba reinou nove anos e, a partir daí, tendo ingerido um vinho envenenado pelo invejoso Hervigio, que ambicionava o trono, perdeu o juízo e, ingressando na ordem de Cister, recebeu o hábito em um mosteiro de uma vila-Pampligra — onde, dizem alguns, «jaz soterrado».

A lenda do Rei Bamba tem fundo histórico. Da existência de tal soberano nos dá notícia Joaquim Ferreira, em *História de Portugal*, de onde extraímos a seguinte nota: «Vamba pugnou corajosamente para impor a disciplina no seu reino, ao senti-la enfraquecer nos deleites da paz e nas rivalidades da nobreza. O povo detestava os sobressaltos e os riscos da guerra; os nobres agrediam-se por ciúmes de influência e aspirações de mando. O rei Vamba acabou vítima dessas cabalas de cidadãos revoltos, destronado por Ervígio».

TEXTO 2

Dom Afonso Henriques

Antes de morrer, D. Henrique de Borgonha dá a Afonso Henriques, seu filho e sucessor, valiosos, sábios e úteis conselhos. A despeito de o ter aconselhado a ficar em suas terras a fim de que não o espoliassem, Afonso Henriques se vê despojado de seus direitos.

Por isso inicia-se sangrenta e feroz luta entre o filho, Afonso, e a mãe, Teresa, que, depois de casar-se com o Conde D. Fernando, quer para si toda a terra portuguesa. Numa primeira batalha o filho de Henrique é vencido, mas, logo depois, ajudado por vassallos fiéis e honrados, consegue a vitória e mete a ferros sua mãe. D. Teresa, encontrando-se desamparada pelo marido, depois de exprobar ao filho a criminosa ação, pede ajuda ao sobrinho, rei de Espanha, mas também este é vencido pelas hostes de Afonso Henriques e foge covardemente.

TEXTO 3

O Bispo Negro

Tendo sido excomungado por manter presa sua mãe, Afonso Henriques sagra bispo, malgrado a oposição da Igreja, um clérigo de cor muito escura chamado Soleima. Tal ousadia é condenada por Roma e o rei de Portugal é novamente advertido por ordem papal, mas, orgulhosamente, exhibe sua fé católica perante o enviado apostólico e o expulsa de suas terras. Amedrontado diante da ira do poderoso senhor, o cardeal foge, não sem ter, antes, lançado o peso de nova excomunhão sobre o rei. Esse vai-lhe ao encalço, toma-lhe as riquezas com que se vira acumulado e exige dele, a troco da vida do sobrinho, a «retirada» da condenação da Igreja.

Como já disse Rodrigues Lapa, não sabemos a consistência histórica dos sucessos narrados nos textos 2 e 3. Além da vivacidade e colorido medieval dos quadros, subjugam-nos as personalidades marcantes de «D. Henrique, moribundo em Astorga, cuidadoso da expansão do condado; D. Teresa, amante e animosa, querendo ir na az para inculir coragem ao Conde de Trava; Afonso Henriques, bárbaro, esquivo e meio herético, tão esforçado que, depois da batalha de S. Mamede, 'ganhou todo Portugal per sas armas como se fosse de mouros'; e, finalmente, o pobre cardeal de Roma, transido de medo, excomungando, ao cantar do galo, a cidade de Coimbra».

III — COMENTARIO SOBRE O VOCABULARIO DOS TEXTOS

Os textos em estudo revelam-nos uma boa porção de palavras que podem levar-nos a considerações interessantes acerca do vocabulário de nossa língua. Tentaremos estudar algumas delas.

a) Guisa

Guisa, do germânico *wisa*, no alemão moderno *weisse*. Faz parte do conjunto de palavras pré-góticas que entraram na língua dos romanos, figurando na forma alatinada. O verbo *guisar* (aguisar) significa *dispor, aviar, preparar, combinar*. São termos freqüentemente usados no português arcaico como o atestam os exemplos selecionados. Observe-se que, assim como *guisa*, «numerosas palavras que se tornaram arcaicas na sua forma primitiva ou original continuam, no entanto, a sobreviver, quem em compostos, quer em locuções com elas formadas...» Exemplificando: *guisa* (mas à *guisa* de), *esguelha* (mas de *esguelha*), *prea* (mas *preamar*)

«... em tal *guisa* que *laurava* a terra per *ssua* mão». (1)

«... *faze-lhes* homrra em *guisa* como *ajam* todos *dereyto*...» (2)

«... *aguarda* en *ella* *piadade* *aguisada*, *ca* *sse*...» (2)

«... no *comsem*tas em *nẽhũua* *guisa* que *teus* *homẽes*... (2)

«... e *guisarom*-*sse* todos como o *levassem*...» (2)

«...e *guissa* como me *digas* *missa*». (3)

b) Menagem

De homenagem por aférese. Ou, «por se tratar de um o, deve-se levar em conta a confusão da sílaba inicial, assim constituída, com o artigo definido. Neste caso, interferiu o fenômeno morfológico da deglutinação».

Homenagem e menagem

Homenagem é palavra de origem provençal *Omena*, significando, no sistema feudal, promessa do vassalo ao senhor. «D'abord terme de féodalité: dér. anc. de *homme* (du latin *homo*, -inis: proprement le *terrestre*). Indicando a mesma origem para o nome, *Nascentes* deriva-a de *ome* (homem) e explica que aquele que a fazia se tornava homem de seu senhor. Tal sentimento de hierarquia feudal influenciou na formação da doutrina do amor cortês: «O trovador comporta-se para com sua dona exatamente como o vassalo, o om

liges, se comporta para com o seu senhor: tem de a servir com fidelidade, de a honrar, depois de lhe ter prestado a homenagem, ajoelhado perante ela, em posição humilde».

Atualmente, **menagem** consta do dicionário significando prisão fora do cárcere. Teríamos o caso de um arcaísmo léxico.

c) **Conquererás**

A forma verbal, usada no português arcaico, se assemelha bastante à forma atual do verbo **conquerir** (fut. **conquerras**) do francês moderno.

O verbo, na forma vigente do português moderno, **conquistar**, vem do latim vulgar **conquistare**, freqüentativo de **conquire** (em Nascentes, **conquiro**). O substantivo **conquista** vem do latim **conquista**, particípio passado de **conquiro**, **conquistar** com retração do acento, ou de uma forma **conqueseta** calcada em **quaesta** por **quesita**. Para Meyer Lubcke a palavra **conquista**, do espanhol e português, foi tirada do italiano **conquista**. Seria, ainda, um deverbais.

«... ca daqui **conquererás** o al adiante». (2)

d) **Sazon**

Do latim **satone**, em francês, **saison**, em espanhol **sazon**. Em latim: ação de semear.

«saison: du latim, **satio** à l'acc — **ionem**, **semailles**, par ext. **saison** de **semailles** (mot rural)». **Saison** era o tempo da sementeira, depois tempo favorável, finalmente, tempo em geral. Houve alteração semântica na direção de uma extensão de sentido, uma generalização. A forma portuguesa atual, **sazon**, apresenta-se, no dicionário, com os seguintes sentidos: 1) estação do ano; 2) tempo próprio para a colheita dos frutos; 3) ocasião própria, oportunidade, ensejo, azo. Não poderíamos classificá-la como arcaísmo, mas, sem dúvida, é palavra de pouco uso. O termo francês **saison** circula nas colunas sociais e nas páginas que falam de moda.

«... ca longa **ssazon** auuya que o andauam buscando...» (1)

e) Demandavam

O verbo **demandar**, aparece no texto na acepção de **ir em busca de**. Além deste, o verbo tem outros sentidos, como **perguntar**, mas note-se que é palavra de uso restrito no português atual. O substantivo **demanda** (pergunta) é desusado em português (arcaísmo léxico), mas continua, em francês, como em italiano, vivo e atual — **démande**, **domanda**.

«... e enton rrespondeu aaquelles que o demandavam...» ¹

f) Soterrar

Como **arreio**, **vivenda**, **pagão**, **britar** etc, **soterrar** é arcaísmo semântico. Em época passada da língua, certos vocábulos foram usados com sentido diverso daquele em que são usados modernamente.

«... e, mentre que o foy soterrar...» (2)

g) Mentre

Mentre é arcaísmo léxico, tendo sido substituído por palavra de formação diversa. Em espanhol, **mientras** é a forma atual com ditongação.

«... e, mentre que o foy soterrar...» (2)

h) EL (rrey)

El é a forma espanhola do artigo. Para Carolina Michaelis é o mais antigo dos espanholismos da língua portuguesa, curioso resto da dependência deste reino das dinastias de Castela e Leão. O pronome **ele** vem de **ille**, nominativo do latim. Em Lima Coutinho, lê-se: «no antigo português e na língua popular de além-mar, aparece a forma apocopada **el**».

«Morto elrrey Rrescesundo, aa sua morte...» (1)

i) Collor

Forma arcaica da palavra **cor**. Trata-se, portanto, de um arcaísmo fonético, pois a palavra assumiu uma feição diferente, já que sofreu a natural evolução fônica dos vocábulos. **Colore(m) > color > coor > cor**.

A forma **color**, arcaísmo já à época do texto, conserva-se em espanhol; em francês é **couleur** (la) que, como o português, trocou o gênero latino. Novamente, arcaísmo.

«... que era muy negro de sua collor e...» (3)

j) Pero

Pero teve uma forma primeira **peró** do latim **per hoc** (por isto), forma apocopada que se conserva em italiano e no judeu espanhol de Marrocos. O acento recuou para a primeira sílaba, em português e espanhol, em virtude do seu emprego no início de frase, procliticamente, portanto. A variante **perol** testemunhou a sobrevivência da forma etimológica por longo tempo. No português, podia ter valor adversativo ou concessivo. A palavra continua em espanhol.

«... pero pessarón que poderia ser peçonha...» (1)

l) Çoleima

Não faltam nos documentos públicos nomes de personagens de origem arábica, embora, por motivos óbvios, não existam nomes de batismo. **Cid** (cujo sentido é senhor), **Zalama**, **Salima**, **Soleima** (salvador) constam dos textos arcaicos, mas são apenas alcunhas.

«... E teu padre como ha nome?

E ell disse:

— Senhor, Coleima» (3)

m) Alcácer

Além de legarem à língua portuguesa várias palavras, os mouros arabizaram vocábulos latinos, como é o caso de **alcácer** (= castro: o

arraial, alojamento do exército, acampamento, campo de guerra). **Alcácer** é a forma dissimilada de **Alcacer**.

«... pero ho alcácer d'elrey e elrey recebeo...» (3)

n) **Clérigo**

Do grego **Klerikós**, pelo latim **clericu**. É palavra de origem grega, semi-erudita que, como muitos outros vocábulos, penetrou no latim e se difundiu por influência da Igreja. Nascentes menciona uma forma **crelgo**, através de uma forma **crelgo** que depois se dissimilou. A forma popular foi e é, para **Michaelis**, **crego**. **Clericu** derivou de **cleru** que tinha duas acepções: 1) certa porção de terra que constituía a propriedade de pequenos agricultores; 2) herança, parte herdada. Os eclesiásticos seriam, pois, herdeiros de Deus, beneficiados de Deus.

« — Es boo clérigo?» (3)

o) **Palácio**

Palácio (paaço); **plantar** (chantar): a reconstrução de vocábulos com base nos modelos latinos originando formas divergentes ou alótropicas.

Na história do vocabulário português, muitas vezes verificamos que os escritores tomaram ao latim dos livros formas eruditas numa tentativa de restabelecer, tanto quanto possível, a feição original do vocábulo. Como já existisse na língua a forma desgastada por via popular, tal fato provocou um sem número de formas divergentes, chamadas divergentes de acumulação erudita e popular. Somam-se, então, um latinismo — empréstimo — e uma (ou mais de uma) forma fonético-histórica.

Observa-se, entretanto, que «a criação de uma palavra nova não destrói necessariamente a antiga, mas relega-a a uma parte especial do vocabulário». No caso de **palácio/paço**, as palavras hoje coexistem; em **plantar/chantar**, a 2a. tomou um sentido especial de **fincar**, sendo que consta do nosso dicionário, mas como palavra antiga.

Já em outros conjuntos como **patre: padre e pai, matre: madre e mãe**, notamos que a palavra **padre**, que restabeleceu tanto quanto possível a feição original do vocábulo, pertence a um vocabulário especial, não sendo, hoje, tomada no sentido com que aparece no nosso texto. O mesmo se pode dizer da palavra **madre**.

«... que eram ãno paaço foron...» (1)

«... iria com seu padre a Braga, e elles...» (2)

«... furtou dous castelos a sa madre, hũu...» (2)

«... chantou-ha ena herdade laurada.» (2)

p) **Piedade**

Piedade está por **piiedade**. Porque o português não simpatizava com o ditongo **ie**, freqüente no espanhol, houve na palavra uma alteração eufônica. Por isso se dizia **piadoso, apiadar-se**. Também aqui houve a recondução do vocábulo ao modelo latino: os letrados do século XVI reintroduziram a forma culta **piiedade** por ser mais próxima do étimo **pietate**. Nos derivados **piadoso, apiadar-se** houve abreviação ou simplificação de sílaba medial pretônica — braquilogia ou haplogia (idem em **bondoso, vaidoso**, o mesmo ocorreu em latim: **aestas** por **aes(ti)tas**, **honestas** por **honest(i)tas**). Note-se, apenas, que a recondução do modelo latino não resultou em formas divergentes já que a palavra **piiedade** não continuou a existir na língua, pelo menos na língua escrita.

«... aguarda ella piiedade aguisada...» (2)

q) **Pararõ mentes**

O verbo é o latim **parare** que subsiste nos compostos **preparar, comparar, amparar** (comprar é popular), **reparar** etc.; o substantivo é plural de **mente: mens, mentis, espírito, intelecto, mentalidade**. E, portanto, a mesma palavra que serve para formar advérbios, rebaixada ao significado geral de **modo, maneira**, que já tomara em latim vulgar. A locução **parar mentes** é **reparar, prestar atenção** (Carolina Michaelis, Lições de Filologia Portuguesa).

«... pararõ mentes e virõ-no andar laurando». (1)